



Aprendizagem colaborativa, liderança musical e a pedagogia da autonomia

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Daniel Augusto Machado

Escola de Música da UFMG; Fundação de Educação Artística - danielaugustoom@gmail.com

Heloisa Feichas

Escola de Música da UFMG - hfeichas@gmail.com

Resumo: A ideia de aprendizagem colaborativa e criativa com o desenvolvimento de liderança musical parece ser uma importante forma de abordar o novo paradigma de ensino e aprendizagem em música e demais artes. No presente trabalho, serão apresentadas ideias de autores como Peter Renshaw, Sean Gregory, além de conceitos de Paulo Freire em sua obra "Pedagogia da Autonomia". Embora as ideias de Freire se apliquem à educação em geral, existem correlações importantes entre alguns de seus princípios e os fundamentos de aprendizagem colaborativa em música.

Palavras-chave: Aprendizagem colaborativa. Liderança. Pedagogia da Autonomia.

Collaborative Learning, Leadership and The Pedagogy of Autonomy

Abstract: The idea of collaborative and creative learning with the development of musical leadership seems to be an important way to address the new paradigm of teaching and learning music and art. Some work by Peter Renshaw, Sean Gregory and a few other authors will be presented in this paper, along with some concepts from Paulo Freire's "Pedagogy of Autonomy". Although Freire developed statements for education in general, there are important correlations between some of his principles and the main ideas of collaborative learning.

Keywords: Collaborative learning. Leadership. Pedagogy of autonomy.

1. Introdução

O desenvolvimento de liderança musical dentro do contexto de aprendizagem colaborativa e criativa parece ter implicações importantes sobre os processos de ensino e aprendizagem em música e demais artes. O objetivo principal deste trabalho é revisar a literatura sobre o assunto e discutir as ideias de autores importantes nesta área, como Peter Renshaw, Sean Gregory e Paulo Freire. A discussão tem como focos aspectos da aprendizagem colaborativa e criativa; a relação entre a música e o conceito de liderança; as contribuições de Paulo Freire para a compreensão da aprendizagem colaborativa; e algumas considerações finais.

2. Aprendizagem colaborativa e criativa

A aprendizagem colaborativa parece ser uma poderosa ferramenta para desenvolver criatividade e inovação. Se há respeito para o diálogo e para a reflexão crítica partilhada, haverá espaço para construir interconexões e melhorar ideias e práticas. Tais

elementos produzirão resultados novos e originais, na medida em que os diversos talentos e habilidades serão colocados em prática, possibilitando a transformação da prática e das formas de ver o mundo (RENSHAW 2011: 18). Para Gregory e Renshaw (2013), há uma estreita ligação entre a aprendizagem criativa e colaboração, entre o processo criativo e o estabelecimento de conexões. Isso acontece através de diferentes formas de "conversa", onde a "escuta" deve ser muito afinada. Estes autores apontam dois tipos de conversa – dialógica e dialética - explicando que o tipo fundamental para a aprendizagem colaborativa é a conversa "dialógica". Neste caso, o processo de troca permite que as pessoas se tornem mais conscientes de suas opiniões, valores e concepções, ampliando a compreensão um do outro (GREGORY; RENSCHAW, 2013).

A perspectiva sociocultural das ideias de Paulo Freire traz para a discussão pedagógica o contexto do aluno, levando a uma proposta dialógica. Em seu famoso *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2011) ressalta que um dos princípios desta pedagogia é o conceito de professor como um facilitador e não aquele que impõe e simplesmente transmite um certo tipo de conhecimento. Em vez disso, o professor procura formas de troca de experiências e construção de novos conhecimentos. A educação para a autonomia, de acordo com Freire (2011), busca formar indivíduos críticos, capazes de refletir e transformar a sociedade. O aluno torna-se seu próprio agente neste processo, desenvolvendo sua consciência. Este é um conceito-chave dentro das propostas de colaboração descritas por Renshaw (2010, 2011, 2013), Gregory & Renshaw (2013) e Gaunt & Westerlund (2013).

Dos vinte e sete princípios apresentados e discutidos em *Pedagogia da Autonomia*, alguns deles são particularmente relevantes para a educação de músicos profissionais. De acordo com o primeiro princípio, "o ensino exige respeito pelo conhecimento dos alunos", porque seu conhecimento é socialmente construído em suas práticas (FREIRE, 2011: 31). Quando o conhecimento prévio dos alunos é levado em conta, cria-se uma sensação de familiaridade que facilita a integração com novos conhecimentos que serão produzidos no novo contexto de aprendizagem.

De acordo com Freire (2011: 117), "o ensino requer saber ouvir". É fundamental "ouvir" o aluno com as suas dúvidas, medos, para escutar e aprender a falar com eles. Freire (2011: 117) reforça a importância de ouvir os outros, explicando que "a escuta envolve disponibilidade permanente para o discurso do outro, para o gesto do outro, para as diferenças dos outros." Legitimamente ouvir os outros requer qualidades construídas na prática democrática de escuta.

De acordo com Gregory (2014), a aprendizagem criativa é caracterizada pela criatividade e por um compromisso com o desenvolvimento pessoal e cultural das pessoas envolvidas. É uma forma de aprendizagem que conduz a imaginação à prática; busca excelência, exercita o potencial do espírito humano; procura envolver culturas e comunidades específicas de uma forma criativa e improvisada; aprecia os processos participativos e não-hierárquicos; promove relacionamentos críticos e práticas de autorreflexão; provoca “a tomada de riscos”, descoberta e invenção; reconhece, cria e explora novos conhecimentos para gerar novas ideias e conceitos (GREGORY; RENSHAW, 2013). A criatividade, nesse caso, não é vista de forma isolada e como um ato individual de um "gênio", mas como um processo crítico e social baseado em relações e interações sociais. A criatividade floresce em uma atmosfera onde o pensamento original, a inovação e o diálogo são estimulados e incentivados (GREGORY; RENSHAW, 2013).

"Ensinar requer comprometimento; requer a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo; demanda a tomada de decisões conscientes" (FREIRE, 2011: 94, 96, 106.). No contexto da educação dialógica proposta por Freire é importante promover a auto-avaliação e a avaliação pelos pares, com o intuito de ajudar os membros do grupo a se tornarem mais críticos e conscientes de si e do contexto em que vivem. Lebler (2013: 111) ilustra os processos de auto-avaliação e de avaliação pelos pares em um projeto na Austrália, como as ferramentas necessárias para o bom funcionamento de processos colaborativos. Para Lebler a ênfase na auto-avaliação complexa e avaliação de pares representa uma mudança na abordagem pedagógica, a partir da transmissão do conhecimento tradicional para uma pedagogia experiencial em que os alunos aprendem a partir de suas experiências e reflexões. Essa abordagem, por sua vez, promove responsabilidade e criticidade, permitindo ao indivíduo agir no mundo e transformá-lo, instigado a fazer escolhas e tomar decisões de forma consciente. Esta abordagem dialógica é o oposto da relação autoritária, na qual o professor ignora totalmente a formação integral do ser humano. Freire (2011: 113) enfatiza que a educação que é reduzida ao mero treinamento fortalece o modo autoritário e privilegia o discurso hierárquico.

3. O papel da liderança musical em contextos de aprendizagem colaborativa e criativas

A liderança pode ser definida e entendida como um campo de conhecimento (GRONN 2010, em BURNARD, 2013), um conjunto de capacidades envolvendo "uma integração dinâmica de conhecimentos, habilidades e qualidades pessoais" (ROBINSON,

2010, em BURNARD, 2013: 214) ou " o ato de expandir as capacidades dos indivíduos, grupos e organizações a participar efetivamente das funções e processos de liderança"(DAY, 2004, em BURNARD 2013: 214). Na Pedagogia da Autonomia, Freire (2011) enumera uma série de princípios em “ensinar”. Na verdade, esse "ensino" significa um processo de duas vias, já que educador e alunos coletivamente constroem o conhecimento. Freire (2011) afirma:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa e crítica é fornecer as condições para que os alunos em suas relações uns com os outros e com o todo assumam a experiência como um ser social e histórico, como um pensador, comunicador, transformador, criador, diretor de sonhos, capaz de se enraivecer porque é capaz de amar. (FREIRE, 2011: 42)

De um ponto de vista institucional, Burnard (2013) aponta para o fato de que a liderança é um ingrediente essencial para o sucesso. Uma liderança eficaz das instituições musicais exige criatividade. Líderes criativos são necessários para promover invenção, originalidade, imaginação, empreendedorismo e inovação. De acordo com DePree (2011), uma habilidade especial que os líderes devem exemplificar na prática é a capacidade de construir e incentivar relacionamentos. Afinal de contas, todos nós vivemos e trabalhamos em grupos e organizações interdependentes. Nossas habilidades e conhecimentos serão afetados pela presença de habilidades e capacidades das pessoas com quem trabalhamos.

Alguns estudos científicos tentam definir o que os termos “líder” e “liderança musical” de fato são, uma vez que existem várias expressões alternativas utilizadas - *'community musician'*, *'animateur'*, *'workshop leader'* ou, em textos americanos, *'teaching artist'* ou *'teaching musician'*. No entanto, qualquer que seja o termo adotado para se referir à capacidade de conduzir o trabalho musical criativo com grupos, processos e abordagens coletivas e colaborativas, todos os casos têm em comum a necessidade de dominar as habilidades nas seguintes categorias:

1. Musical: essa categoria inclui um vasto repertório de habilidades musicais. O líder de trabalho em um contexto educacional musical - especialmente com ênfase em atividades coletivas e colaborativas de criação - deve ter uma sólida compreensão da teoria musical, experiência em performance e composição, competências de direção musical, improvisação, um amplo repertório de conhecimentos e interesse em (se não compreensão substancial de) vários estilos musicais.

2. Social: inclui a capacidade de trabalhar com diversos grupos de pessoas e de negociar e equilibrar diferenças musicais e sociais dentro do grupo. Grande parte deste trabalho de liderança nos processos de aprendizagem criativa e colaborativa é realizado com

crianças e adolescentes, no contexto da escola regular, escolas de música, ou em outros ambientes comunitários que requerem a capacidade de lidar com as diferenças de idade e posição social de uma forma eficaz e equilibrada.

Renshaw (2005) enfatiza que os líderes musicais devem estar envolvidos em um processo de desenvolvimento profissional contínuo, tanto artístico e pessoal, para que eles possam produzir um trabalho eficaz e de alta qualidade. Os desafios enfrentados pelos músicos que trabalham em contextos não-formais são cada vez mais complexos, à medida que há uma crescente demanda por desempenho, graças à colaboração intersetorial e à consequente abertura de novas possibilidades. Assim, neste contexto de expansão do escopo de ação de líderes musicais, torna-se imperativo criar oportunidades para o desenvolvimento desses profissionais. De acordo com Freire (2011: 40), "Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática." Ele explica que "é pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que você pode melhorar a próxima prática." Este princípio é também crucial para o trabalho de Gregory e Renshaw (2013: 3), que estabelece que "toda a aprendizagem criativa e colaborativa gera relações críticas e reflexivas sobre suas práticas." Na verdade, esses autores consideram a "aprendizagem reflexiva" como base para o trabalho criativo e colaborativo, para trabalhar no nível de desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, o que trará consequências positivas para o trabalho coletivo. Para eles, a qualidade de todos os processos de aprendizagem depende em parte da profundidade, da consistência e da integridade de reflexão crítica em cada contexto particular.

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção." Freire (2011: 47) diz que o professor deve chegar na sala de aula "aberto a perguntas, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e curioso, inquieto em face da tarefa de educar. Esta é uma premissa básica para a pedagogia da autonomia. No entanto, o paradigma do professor como transmissor de conhecimento ainda prevalece em muitas instituições de ensino, incluindo os cursos de graduação em música. Gaunt & Westerlund (2013: 1) indicam que, embora a obra musical aconteça em muitos contextos coletivos, como orquestras, coros, bandas, música de câmara, etc., processos de aprendizagem ainda prevalecem na transmissão de conhecimentos específicos, bem como habilidades musicais relacionada a alguns tipos de repertório. Esta transmissão geralmente ocorre em uma relação mestre-aprendiz, isto é, um indivíduo de frente para o outro, e até mesmo em contextos de grupo.

Freire (2011b: 79-94) explica este modelo de transferência de conhecimento como a educação bancária: o ato de colocar, transferir, transmitir valores e conhecimentos. Neste

tipo de educação, os conteúdos são repetidos, memorizados mecanicamente. Os alunos recebem depósitos como em contêineres. De acordo com este ponto de vista da educação, não há criatividade e nenhuma transformação. Este processo nega o poder criativo dos alunos. Freire (2011b: 94) nos lembra que a aprendizagem acontece na invenção, na reinvenção, na busca incansável. Assim, ele defende uma educação que rompe com esquemas verticais e isso só é possível através do diálogo: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, as pessoas educam umas às outras mediadas pelo mundo". De acordo com a perspectiva dialógica, o educador e os alunos se educam em comunhão" (FREIRE, 2011b: 95). A teoria da ação dialógica tem a 'colaboração' como uma das suas principais características: as pessoas se encontram para a transformação do mundo através da colaboração (FREIRE, 2011b: 226).

O processo de reflexão crítica é crucial, porque caso contrário a experiência é susceptível de ser cristalizada e pode se tornar um conjunto de "receitas e fórmulas", o que seria a negação da criatividade (GREGORY; RENSHAW, 2013: 17). De acordo com Renshaw (2005), os líderes musicais experientes estão cientes da necessidade de criar um ambiente propício para o desenvolvimento de formas tácitas de aprendizagem. Isto significa que liderar por meio de exemplos, entre participantes de diferentes níveis, é essencial para atingir um processo de aprendizagem eficaz. Assim, a experiência será adquirida através da visão, audição, imitando, respondendo, absorvendo, refletindo e se conectando a um contexto musical particular.

"Ensinar exige respeito pela autonomia do aluno." Freire (2011: 58) aponta que "o respeito à autonomia e à dignidade de cada pessoa é um imperativo ético e não um favor que pode ou não ser concedido mutuamente." De acordo com este princípio, o autor explica a diferença entre o professor que respeita e aquele que é autoritário, que "afoga a liberdade dos alunos, menosprezando o seu direito de ser curioso e inquieto" (FREIRE, 2011: 59). Freire faz uma explicação sobre a ética, a verdadeira relação dialógica, em que os sujeitos dialógicos aprendem e prosperam em suas diferenças, especialmente as respeitando, que é o caminho para ser verdadeiramente ético. Este é um princípio básico na aprendizagem colaborativa. Renshaw (2013: 238) acredita que, nos processos de aprendizagem colaborativa, a capacidade de trabalhar em conjunto só ocorre em um ambiente que está comprometido com os valores e qualidades de respeito mútuo, confiança, tolerância, honestidade, humildade, integridade, autenticidade, compaixão, empatia e abertura. Estes valores devem ser profundamente assimilados nas ações e não apenas na retórica.

Finalmente, o "ensino requer alegria e de esperança, que exige a convicção de que a mudança é possível; requer curiosidade". Freire (2011: 83) acredita que o professor deve

saber que sem a curiosidade e a atitude inquieta que conduz à experiência de investigação, não há aprendizagem. A construção ou produção de conhecimento envolve o exercício da curiosidade, capacidade crítica, comparar e fazer perguntas em vez de ser passiva. A atitude dialógica, aberta, curiosa e interessada torna o processo de aprendizagem um desafio. O exercício de curiosidade exige imaginação, intuição, emoções, a capacidade de fazer conjecturas e comparações (FREIRE, 2011: 85).

4. Considerações finais

A "paisagem cultural" do século XXI aponta para uma era de indefinição em termos de questões artísticas, culturais e sociais, ligada a uma incerteza crescente, tanto nos níveis locais e globais. Novas formas híbridas de criatividade, liderança, desempenho e comunicação surgiram, assim como uma geração de artistas provenientes de diferentes áreas, resultando em experiências distintas, com grande potencial para a colaboração, sem ideias fixas ou pré-determinadas. Audiências e consumidores de arte em geral são mais ecléticos e os artistas precisam ser curiosos, focados, imaginativos, autoconscientes e empresários. (GREGORY, 2014).

"Ensinar exige estar ciente da incompletude." Freire (2011: 49) explica que "como um professor crítico, sou um aventureiro responsável, predisposto a mudar, aceitar o diferente." Ele nos lembra que nossa jornada por este mundo requer a nossa responsabilidade, uma vez que fazemos a nossa história com os outros, processo que é fruto de possibilidades e não de determinismos (FREIRE, 2011: 52). Nesse caso, os processos de aprendizagem colaborativa têm uma dimensão inacabada já que não há nenhuma maneira de determinar quer o processo ou os resultados. É um processo de construção de uma forma aberta, não-linear, com múltiplas possibilidades. Gregory e Renshaw (2013) estendem este conceito do inacabado ao longo de dois tipos fundamentais de aprendizagem: 'experimental' e 'reflexiva' (já mencionado). Para abordar o conceito de aprendizagem experimental os autores se referem ao grande filósofo da educação John Dewey em sua famosa obra "Democracia e Educação". Na visão de Dewey, a educação deve ser um processo que acontece através da experiência e da reflexão sobre ela, um processo contínuo de reconstrução da experiência. Portanto, não há maneira de determinar a educação a priori e o professor ter um senso de seu término. Isto deve entrar em comunhão, em uma verdadeira comunidade de aprendizes com alunos.

Profissionais versáteis são demandados, estão sintonizados com as múltiplas funções da música em nossas sociedades e também para as novidades tecnológicas constantes. O desenvolvimento de políticas de ação que lidem com a diversidade cultural presente na



nossa sociedade também é importante. Para que a educação dos músicos e educadores musicais seja capaz de agir no mundo, é necessário repensar e refletir sobre processos de ensino e aprendizagem que abordem o fazer criativo em música, catalizador de atitudes autônomas e conscientes.

Referências:

- BASS, Bernard M., & RIGGIO, Ronald E. *Transformational leadership*. Psychology Press, 2012.
- BURNARD, Pamela. Leadership creativities and leadership development in higher music education. In: BURNARD, Pamela. *Developing Creativities in Higher Music Education: International Perspectives and Practices*. Routledge, 2013.
- DEPREE, Max. *Leadership is an Art*. Random House LLC, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. 43ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2011a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 43ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2011b.
- GAUNT, Helena. & WESTERLUND, Heidi. *Collaborative Learning in Higher Music Education*. London: Ashgate, 2013.
- GREGORY, Sean & RENSHAW, Peter. *Creative Learning across the Barbican-Guildhall Campus: A New Paradigm for Engaging with the arts?* London: Guildhall School of Music and Drama, 2013. Retrieved from http://www.gsmd.ac.uk/about_the_school/research/published_work/publications
- GREGORY, Sean. *Orquestra e músicos: novos andamentos*. Slide presentation at the Internacional MultiOrchestra Conference: Talent, Management and Impact. Belo Horizonte, MG, 2014. Retrieved from <http://transform.britishcouncil.org.br/pt-br/content/arquivos-para-download>
- LEBLER, Don. Using Formal Self- and Peer-assessment as a Proactive Tool in Building a Collaborative Learning Environment: Theory into Practice in a Popular Music Programme. In: GAUNT, H. & WESTERLUND, H. (Eds.). *Collaborative Learning in Higher Music Education*. London: Ashgate, 2013.
- NORTHOUSE, Peter G. *Leadership: Theory and practice*. Sage Publications, 2012.
- RENSHAW, Peter. *Simply Connect: 'Next Practice' in Group Music Making and Musical Leadership*. Musical Futures, 2005.
- RENSHAW, Peter. *Engaged Passions: Searches for Quality in Community Contexts*. Delft: Eburon Delft, 2010.
- RENSHAW, Peter. *Working Together: An enquiry into creative collaborative learning across the Barbican-Guildhall Campus*. London: Barbican Centre and Guildhall School of Music & Drama, 2011.
- RENSHAW, Peter. Postlude: Collaborative Learning: A Catalyst for Organizational Development in Higher Music Education. In: GAUNT, H. & WESTERLUND, H. (Eds.). *Collaborative Learning in Higher Music Education*. London: Ashgate, 2013.